

TINHA A CERTEZA DE QUE O MUNDO ERA UM ENORME LIVRO

Pedro Eiras

- ▶ Coleção Formiguinha
- ▶ Uma coleção de cromos de animais
- ▶ *Os Cinco*, Enid Blyton
- ▶ *Pequenas Histórias para Gente Pequena*, Gustav Tobler
- ▶ *Este Rei que Eu Escolhi*, Alice Vieira
- ▶ Os manuais de Português
- ▶ *História da Nuvem que não Queria Chover*, Fernando Bento Gomes
- ▶ *Aquela Nuvem e Outras*, Eugénio de Andrade
- ▶ *O Principezinho*, de Antoine de Saint-Exupéry
- ▶ *Aventuras de João sem Medo*, de José Gomes Ferreira

Os primeiros livros estavam altos de mais. As estantes dos meus pais: muro colorido, cheio de cores e letras, de onde a onde alguma imagem. Havia lombadas espantosas. Nomeadamente, um espesso dicionário, com a gravura de um leitor (homem ou mulher? nunca percebi), encapuçado, tenebroso, a ler um livro. Eu e a minha irmã achávamos terrível aquela criatura cavernosa, enfeitiçante, a ler. E jurávamos que estava viva, que nos espreitava do alto da estante, através dos livros, sabe-se lá com que terríveis intenções.

Nessa altura, eu tinha a certeza de que o mundo era um enorme livro, folheado por um gigante. O passar dos segundos era o passar das páginas. Como nos fotogramas de um filme. Talvez porque, um dia, com muita paciência, decidi fazer um *flipbook*. Peguei no herói favorito de um desenho animado, Esteban, das Misteriosas Cidades do Ouro, e desenhei-o, com subtis diferenças, página após página, num caderno. Folheando depressa, Esteban ganhava vida, corria e atirava um punhal. Mas então eu também devia ser um desenho a mover-se nas páginas do mundo.

Depois, lentamente, as estantes tornaram-se mais baixas. Desceram para mim. Eu podia puxar pelas lombadas, e surgiam livros. E os livros abriam-se. Não era fácil: ler dava trabalho. Sobretudo quando não havia figurinhas. Mas quando percebi que naquelas letras se escondia a argúcia, e a inocência, e o terror, não consegui parar. Ainda hoje, só quando sou mesmo vencido pelo sono apago a luz. E às vezes não sei bem se já estou a dormir ou ainda estou a ler, se entrei dentro do livro e me perdi.



Pedro Eiras nasceu no Porto em 1975. É Professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde se licenciou e doutorou. Desde 2001, publicou peças de teatro, ficções, ensaios, e outros textos. Entre os títulos mais recentes, contam-se a ficção *Os Três Desejos de Octávio C.* e o livro de poemas *Arrastar Tinta*. Com *Esquecer Fausto* ganhou o Prémio PEN Clube Português de Ensaio em 2006. As suas peças de teatro têm sido traduzidas, publicadas

e encenadas em Portugal e diversos outros países: Brasil, França, Grécia, Eslováquia, Roménia.